



ANTONIO CARLOS
O REI DAS ABÓBORAS

* ROMANCE COMPLETO *

Thiago Feiten Caliari

Alfenas/MG

2018

2018

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização do autor.

Primeiro número de registro: 756.315

Ficha Técnica

Arte da Capa e Diagramação: Mídia Publicidade (35) 3291-6857

Impressão: Gráfica Atenas (35) 3299-3845

Índice

<i>Apresentação</i>	05
<i>Verinha, a paixão de Antônio Carlos</i>	11
<i>O cavalo Corisco e a égua da Sandra</i>	19
<i>Saber o mato que lenha</i>	29
<i>A tia sabe</i>	33
<i>A estranha história do pai dela</i>	37
<i>Pedi ela pro pai dela e as bichas vieram</i>	45
<i>Os verdadeiros ideais de Tiradentes</i>	57
<i>A princesa Isabel na cidade de Campanha</i>	61
<i>Rafael Cavalcanti</i>	67
<i>Padre Mateus</i>	75
<i>A mãe do Renzzo</i>	79
<i>A maldição das ratazanas</i>	89
<i>A Festa da Abóbora</i>	97
<i>Sandrona sacou o lance</i>	103
<i>O sarau</i>	107
<i>Verinha traiu</i>	121
<i>Não há mal que não se cure</i>	133
<i>A tristeza de Verinha durou pouco</i>	139
<i>Novos rumos</i>	143
<i>Três anos depois, o balaio de gato</i>	147
<i>Armistício</i>	161
<i>Verinha traiu de novo</i>	169
<i>O casório</i>	175
<i>Hipoglós</i>	181

<i>Mudanças de hábito</i>	189
<i>A Viagem</i>	203
<i>Juarez vereador, Juarez salafrário</i>	211
<i>A moça do Algarves</i>	221
<i>O padre vai atrás da Sandrona</i>	235
<i>A descoberta</i>	241
<i>Juarez conquista Silvia</i>	261
<i>A intentona</i>	265
<i>Epílogo</i>	279

Apresentação

De vez em quando eu fico nostálgico, a inspiração me alivia o saco cheio... e me perco no raio do meu pensamento, na dimensão sem confins dos meus tempos incongruentes, onde ouço vozes e mais vozes... Interior de São Paulo, Triângulo Mineiro, Norte do Paraná, Mato Grosso do Sul... Sul de Minas!...

Nessas toadas me surgem doces lembranças, saudade danada dos cafundós. Delicio-me, então, na minha língua mãe, o português caipira...

O Sul de Minas é uma terra riquíssima em vários aspectos físicos e culturais; e também apresenta uma cultura singular, que desponta desde as épocas em que os emboabas reclamavam para si estes rincões, plagas que foram povoadas pelas misturas raciais entre brancos (reinóis brasis e portugueses), negros, índios e uma renca de italianos, o que fez daqui um lugar tão distinto, que resume a imensidão étnica e cultural que é o Brasil. Eu tenho certeza que temos todos os elementos da raça humana no Sul de Minas, e quase todas as geografias, desde a Mata Atlântica ao Cerrado, desde o tropical ao temperado. Temos montanhas e lagos imensos, rios caudalosos e até precipitação de neve na serra da Mantiqueira. É por isso que nossa região é o lugar mais bonito do mundo. Já ouvi até de uns portugueses que aqui lembra a Galícia.

É um lugar que reflete o mesclar de histórias e estórias desse nosso pedaço de Brasil...

Eu fui nascido e criado aqui, andando de bicicleta e a cavalo pelos pastos, serranias e estradas de terra batida e vremeia. Vivia, quando moleque, atrás de jaboticabas, pitangas, jambos e goiabas, ou pescando nos corgos, ou catando mostarda nos campos, pra mode a mãe fazer mistura. Muitas vezes ficava estilingando e chorando o cascaio em passarinhos, armando arapucas e prendendo os coitados nos arçapão, exibindo os bichinhos para as meninas mais bonitas das roças... depois que fiquei adolescente, vivia nadando pelado com elas no lago de Furnas... Ah... vai sê bão, picolé de limão!

E desde a molequice, nas profundas dos anos oitenta, quando de primeiro assistia, na *Poltrona R*, aos filmes de banguê-banguê à italiana, já auria em tramar uma estória em que a estrela fosse um anti-herói, ou estrelas que os fossem... tais como o Django, ou Wyatt Earp.

Só que eu queria que fosse uma coisa diferente, um western à sul-mineira, com os requintes dessa diversidade cultural a qual me reporto. Eu tive que tomar cuidado para forjar algo que não se traísse entre uma pizza à Califórnia e um hot dog à bolonhesa, que é o caso do famoso pistoleiro em pauta. Acho que ficou um angu à mineira, com o tempero da caboclice e a singularidade desse nosso idioma, o caipira. De tão tosco, modéstia à parte, acho que ficou bão.

Como é sabido, da parte deste autor, a família Cavalcanti é de longe uma das primeiras famílias italianas a habitar o Brasil, desde a época de Cabral, quando o imenso litoral brasileiro passou a integrar o império Lusitano. Os Cavalcanti foram uma linhagem peregrina, oriunda da Itália, aventureiros, guerreiros, comerciantes que se estabeleceram em várias partes do mundo ocidental, inclusive na Inglaterra de Henrique XIII, antes de aportarem no Brasil colônia. Disso, temos uma gama de sobrenome Cavalcanti, visto em praticamente todo o território nacional, posto que foram pessoas de empreendedorismo.

De fato, era vontade deste autor escrever um romance que trouxesse leves notas de italianismo, traços da cultura italiana que são vistos em quase todo o país, principalmente no sul e sudeste. Desde a chegada da corte portuguesa e desde a independência e o estabelecer da monarquia brasileira, os italianos vieram aos milhares para proteger nossas fronteiras e substituir o labor escravo nas lavouras, o que valeu para o desenvolvimento no litoral e, principalmente, continente adentro, seja na labuta com o café, seja na construção de uma economia industrial, que hoje faz brilhar o estado de São Paulo.

Em Minas, a região da capital Belo Horizonte, o Sul de Minas e a Zona da Mata receberam o grosso desses estrangeiros, principalmente os do norte da Itália, mais afeiçoados ao trabalho agrícola, portanto, uma

referência cultural importante nos hábitos da gente do campo, foco de inspiração a esta obra de ficção.

Logicamente, não é verdadeiro o aparecimento (e estabelecimento), dessa família no Brasil, contado num diálogo do personagem Antônio Carlos com o pai de Verinha. Saliento que o sobrenome escolhido foi uma singela homenagem aos Cavalcanti, com o intuito de conferir um sobrenome que simbolizasse a importância cultural dos italianos na construção da história de nosso país, e nessa linha de pensamento, espero que o romance em pauta leve o leitor a refletir sobre um elemento humano sudestino que se esparrama e se identifica em língua e costumes, possivelmente portador de muitos dos trejeitos das personagens de Monteiro Lobato e Mazzaropi.

O nosso idioma caipira é língua de gente boa e de tino, não de idiota, como muito cará fino pensa.

E, voltando às italianices, tudo bem que a família de Antônio Carlos e de Rafael, personagens românticos e idealistas desse romance que invêm aí, possa se remontar, de fato, à vetusta família de italianos, os Cavalcanti, que vieram para o Brasil na época do Rei Henrique XVIII, mesma época em que Portugal nadava de braçadas em fortuna e erigia o império lusitano mundo afora, aquele que queriam que fosse o Quinto Império... mas também pode ser que tais Cavarcanti se remontem a uma dessas famílias, de mesmo nome, mas rurais da Itália, que vieram para o Brasil para a lida com a inxada nos cafezais, substituindo a mão de obra escrava e negreira na América Lusitana... e imperial, o Brasil dos Dons Pedros.

Vai parecer teoria da conspiração, todavia, há uma trama real entre o golpe de estado que instituiu a república, a aproximação entre italianos e escravos libertos, e a passagem da princesa Isabel por Campanha, Sul de Minas.

Quanto à linguagem, aqui empregada na maioria dos diálogos (e em alguma singularidade na fala do narrador), ela é mesmo muito permeada pelo dialeto caipira, tanto na conjuntura lexical quanto na sintaxe e morfologia distintas nesse português. A sonoridade das palavras, em tais

casos, é uma mutação linguística ocorrida há séculos no Brasil, em especial no interior, ou seja, nos sertões, onde o português permaneceu mais arcaico que em Portugal, e também foi alimentado por uma imensidão lexical de origens afro, indígena e, com algum destaque, italiana, haja visto que a cultura desse povo, quando do chegar de uns milhares de famílias italianas para substituir o trabalho escravo, deu uma coloração distinta ao português falado no Brasil.

Portanto, também a grafia que corresponde a essa sonoridade é bastante distinta da língua culta, com alterações de acentos, letras, encontros consonantais, encontros vocálicos e, enfim, com “erros” variados que poderão parecer aberrações linguísticas ao leitor, mas são apenas produto de uma variante do português. Não se faz necessário um glossário referente aos termos que pareçam mais estapafúrdios, pois a semelhança fonética e gráfica com as raízes das palavras pode conferir a compreensão das falas, deixando transparecer a clareza de ideias, sem atropelos da semântica, ou seja, da lógica do que está contido na linguagem construída em tal dialeto (nos diálogos), nos cenários e nos contextos desta estória, contada em uma versão bastante campestre da oralidade da vastidão cultural que sedimenta o Brasil.

Em outras palavras, não há nada que seja irracional, ou incompreensível, no tocante à dinâmica do português, que se estrutura, em seu “embrião”, no mesmo mecanismo ocorrido na maioria das línguas ocidentais oriundas do latim: alguém faz alguma coisa em determinado lugar, em determinado tempo.

Ademais, isto aqui é um romance. Não é um tratado sobre falares lusófonos, muito menos uma tese sobre a língua de Camões.

Bão, por fim, é com uma satisfação enorme que escrevo. Gostaria de trazer aos meus leitores um luzir cultural sobre esta fictícia cidade de Cruz Serrana, ambientada nos sertões de Jacuí, confins do Sul de Minas. É uma luz de memórias, de identidades e vivências intensas sobre as figuras desta estória.

Que seja de sagas emaranhadas, ou de estereótipos cruzados com perfis verossímeis, um *Antônio Carlos, o Rei das Abóboras*, uma

Verinha, um padre Mateus... Vai entender?.. Espero que entendam... Essa Cruz Serrana...

Dedico a todas as pessoas entojadas, a todos os energúmenos e energúmenas que me inspiraram a escrever esta trama. Boa leitura.